



Os sons da cidade

Um método eficiente de torturar alguém é deixar o sujeito ouvindo pingos d'água intermitentes batendo em uma lata. Ou na cabeça. Vários filmes mostram que o atormentado confessa qualquer coisa depois de algumas horas; principalmente o que não fez.

Eu mesmo não tive nada a confessar, mas passei por uma experiência parecida quando hospedado por um amigo – a diferença é que o pingo, restinho de chuva, batia numa armação de ar refrigerado. Não me consta ter ficado com sequelas.

Mas o caminhão do lixo reciclado está para tirar o restinho de sanidade que me resta. Ele vai passando devagar, tocando a mesma coisa: onze notas sequenciais que, juntas, parecem uma contrafação da ancestral cantiga de roda *Escravos de Jó* – mas só a primeira parte; não chega no jogo de caxangá. E repete, repete, repete.

Aqui cabe um esclarecimento. Não existe e nem nunca existiu um jogo de caxangá, muito menos no templo de Jó, aquele que perdeu tudo – incluindo os escravos –, mas manteve fé resignada. Caxangá é só o ato de passar um objeto para quem está na roda. E ninguém sabe como uma palavra de origem africana – que significa mata fechada – foi parar no meio de uma cena bíblica, sensacional sincretismo.

Eu gosto da canção; tanto da versão infantil, quanto da gravação pilantra que Wilson Simonal cantou na TV e gravou, simplesmente para mostrar que podia fazer de qualquer coisa um sucesso nacional – até *Meu limão, meu limoeiro*.

Mas é preciso uma paciência de Jó para aguentar o som que sai do caminhão. É um

horror; dá vontade de misturar o lixo seco ao molhado, o plástico com o vidro e jogar tudo para o alto. Eu fico imaginando como se sentem o pobre do motorista e os garis. Acho que eles deveriam ganhar outra compensação por insalubridade além da que já recebem.

Por que tem que ficar martelando essa poluição na cabeça das pessoas? Por que o meu ouvido tem que pagar pela falta de planejamento da empresa que não consegue manter um calendário para a passagem do caminhão como em qualquer lugar civilizado do planeta?

E não é só o lixo. O caminhão que vende gás é precedido por uma versão de *Für Elise* que deixaria Beethoven, embora surdo, vermelho de raiva. Dias atrás deu problema no alto-falante e, desde então, a situação piorou: o som, abafado,

parece a agonia de um ganso tentando solfejar a obra-prima do compositor alemão.

E tem o homem que arruma panela, o fruteiro, o velho do queijo, a senhora que vende mel – cada qual acompanhado de seu som específico para blasonar seu produto. E ninguém vende tampão de ouvido.

Sons que vêm da rua não são novidade. Quando criança, adorava ouvir a flautinha que anunciava o sorveteiro e a matraca que era tocada pelo vendedor de biju – ou barquinha, ou taboquinha; o nome muda, mas a matraca não. Gostava até do longo assovio que era a marca registrada do amolador de facas e do chocalho de metal, avisando que chegava o leiteiro. Pensando melhor, acho que só gostava porque criança gosta de barulhada.



MAURE